

# **Palimpsestos na paisagem: mudanças nas práticas da rizicultura no bairro Vila Nova (Joinville, SC)**

## **Palimpsests in the landscape: changes in rice growing practices in the Vila Nova neighborhood (Joinville, SC, Brazil)**

## **Palimpsestos en el paisaje: cambios en las prácticas de cultivo de arroz en el barrio Vila Nova (Joinville, SC, Brasil)**

---

**Alanna Fernandes Duarte<sup>1</sup>**

**Mariluci Neis Carelli<sup>2</sup>**

---

Recebido em: 29/7/2020

Aceito para publicação em: 25/9/2020

---

<sup>1</sup> Licenciada e bacharela em História, mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille). Membro do grupo de pesquisa Estudos Interdisciplinares em Cultura e Sustentabilidade.

<sup>2</sup> Doutora em Engenharia de Produção e mestra em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. Coordenadora do grupo de pesquisa Estudos Interdisciplinares em Cultura e Sustentabilidade.

**Resumo:** A rizicultura na cidade de Joinville (SC) difundiu-se ao longo do tempo na paisagem por meio de diferentes saberes e práticas de cultivo. Desde a chamada "revolução verde", propagada na segunda metade do século XX, foram modificadas as técnicas dos agricultores, as quais também repercutiram em outros discursos acerca das práticas de cultivo e das paisagens da rizicultura. Numa cidade que é formada por inúmeros migrantes, o cultivo do arroz foi associado principalmente como paisagem e patrimônio cultural de descendentes de "italianos" no bairro Vila Nova. Contudo compreendemos a paisagem como um palimpsesto; ela pode ser questionada por meio de diversas narrativas, saberes e práticas, pois são as paisagens dinâmicas e socialmente constituídas pelos grupos humanos e sua relação com o meio ambiente. Nesse viés, o trabalho propõe uma abordagem interdisciplinar apresentando um levantamento sobre vestígios materiais e fontes escritas sobre migrantes e rizicultura na cidade com o objetivo de analisar nesses documentos algumas das principais mudanças nas práticas da rizicultura e no bairro Vila Nova.

**Palavras-chave:** migrações; rizicultura; paisagem.

**Abstract:** Rice growing in Joinville city (SC), Brazil, has spread over time in the landscape through different knowledge and cultivation practices. Since the so-called "Green Revolution", propagated in the second half of the 20th century, the techniques of farmers have been modified, which also have reflected on other discourses about the cultivation practices and the landscapes of the rice culture. In a city that is made up of numerous migrants, rice cultivation has been associated primarily with landscape and cultural heritage of "Italian" descendants from Vila Nova neighborhood. However, we understand landscape as a palimpsest; it can be questioned through various narratives, knowledge and practices, as they are the dynamic, and social landscapes are constituted by human groups and their relationship with the environment. In this bias, the paper proposes an interdisciplinary approach presenting a survey on material traces and written sources about migrants and rice growing in the city, aiming to analyze in these documents some of the main changes in the practices of rice growing and in the Vila Nova neighborhood.

**Keywords:** migration; rice plantation; landscape.

**Resumen:** El cultivo de arroz en la ciudad de Joinville (SC), Brasil, se ha extendido al largo del tiempo en el paisaje por medio de diferentes conocimientos y prácticas del cultivo. Desde la llamada "Revolución Verde", propagada en la segunda mitad del siglo XX, las técnicas de los agricultores se han modificado, lo que también tuvo repercusiones en otros discursos sobre las prácticas de cultivo y paisajes de plantación y arroz. En una ciudad formada por innumerables migrantes, el cultivo de arroz se asoció principalmente con el paisaje y el patrimonio cultural de los descendientes de "italianos" en el barrio Vila Nova. Sin embargo, entendemos el paisaje como un palimpsesto, que se puede cuestionar por medio de diferentes narrativas, conocimientos y prácticas, ya que son paisajes dinámicos y socialmente constituidos de grupos humanos y su relación con el medio ambiente. En ese sentido, el trabajo propone un enfoque interdisciplinario que presenta una investigación sobre rastros materiales y fuentes escritas a respecto de los migrantes y la plantación de arroz en la ciudad, con el objetivo de analizar en esos documentos algunos de los principales cambios en las prácticas de cultivo de arroz y en el barrio Vila Nova.

**Palabras clave:** migraciones; plantación de arroz; paisaje.

## INTRODUÇÃO

A paisagem é um tema de conhecimento interdisciplinar, abordado em diferentes áreas desde os séculos XVIII e XIX, como Arte, Geografia, História, Arquitetura, entre outras. Alguns pesquisadores, como Sauer (2004), Cosgrove (2004) e Claval (2007), ressaltaram a importância do estudo da paisagem, demonstrando que esse conceito não possui uma abordagem “única” ou se refere apenas aos aspectos geográficos “naturais”, mas também a suas relações culturais. No campo do patrimônio, a noção de paisagem cultural ganhou notoriedade no fim do século XX, período em que se multiplicaram pesquisas sobre as transformações das paisagens no mundo, sejam urbanas, sejam rurais (RIBEIRO, 2007).

O cultivo do arroz é uma das atividades antrópicas mais conhecidas pelas sociedades ao longo do tempo (CARNEIRO, 2005; CARNEY, 2017). O arroz destaca-se como um dos alimentos mais consumidos no mundo, por meio de inúmeras técnicas de cultivo que ensejam modificações nas paisagens, de maneira dinâmica e socialmente constituída pelos grupos humanos na sua relação com o meio ambiente (ARAÚJO, 2009; CARNEY, 2017). Nesse sentido, algumas das paisagens dedicadas à rizicultura foram compreendidas como “paisagens culturais mundiais” pela Unesco (do inglês United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), como o caso dos terraços de arroz nas Filipinas.

No artigo propomos um estudo sobre a rizicultura mediante o diálogo entre os campos da história ambiental e do patrimônio cultural. A proposta é analisar por meio de fontes escritas e orais algumas das principais mudanças nos discursos associados às práticas da rizicultura no bairro Vila Nova, em Joinville (SC), entre o fim do século XIX até o tempo presente na paisagem da cidade<sup>3</sup>.

## O ARROZ E SUAS PAISAGENS: DISCURSOS SOBRE AS PRÁTICAS DA RIZICULTURA

Existem diferentes descrições sobre a “originalidade” do arroz em Joinville (SC). Esse cereal possui uma variedade de espécies e subespécies, as quais ao longo do tempo foram sendo aclimatadas no Brasil. É possível notar que há práticas da rizicultura em diferentes sociedades, assim como é notável a importância desse cultivo no processo de disseminação de alimentos no mundo, considerando não somente a sua expansão, mas também as singularidades em diferentes paisagens de cultivo do arroz (CARNEY, 2017; DEAN, 1991; WORSTER, 2003). Diferentemente de outras regiões, no sul do Brasil destaca-se a rizicultura como prática que se expandiu principalmente com o plantio das variedades do *Oryza sativa*, sendo comumente associado a mudanças da agricultura com o processo de imigração europeia nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul<sup>4</sup> (CARNEY, 2017).

---

<sup>3</sup> A pesquisa faz parte da dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural (Univille) intitulada “Entre os roçados da colônia e os arrozais da cidade: o cultivo do arroz e as transformações na paisagem de Joinville, SC”.

<sup>4</sup> Em Santa Catarina encontram-se referências sobre o cultivo do arroz por portugueses, africanos, teuto-brasileiros, contudo destacam-se principalmente os italianos. Vide Rocha (2011), Presa (2011) e Duarte (2017).

**Figura 1** – Localização do bairro Vila Nova em Joinville, Santa Catarina

Fonte: Duarte (2017, adaptado)

No caso do norte de Santa Catarina, onde está situada a cidade de Joinville, é preciso reiterar que o arroz é um alimento que já fazia parte de regiões litorâneas, sendo cultivado por meio de diferentes grupos na Baía da Babilonga (e da Freguesia de São Francisco do Sul), antes mesmo da fundação de Joinville como “colônia” no ano de 1851. Ou seja, o arroz é um alimento cultivado anteriormente ao contexto da paisagem idealizada como Colônia Dona Francisca (atual cidade de Joinville) no fim do século XIX, mas é preciso considerar que há distinções nas práticas e formas de cultivar ou vender o arroz ao longo do tempo na paisagem da cidade (DUARTE, 2017). Principalmente a partir da segunda metade do século XX, Joinville transformou significativamente a configuração urbana e rural, assim como se modificaram as formas de cultivar, reconhecer e divulgar as paisagens da rizicultura. Numa cidade que é formada por distintos grupos migrantes, a rizicultura tem sido associada principalmente como parte da paisagem e patrimônio cultural de imigrantes europeus e seus descendentes. Nesse contexto, o arroz passou a receber notoriedade em alguns discursos produzidos sobre a zona rural do município, destacando a rizicultura no bairro Vila Nova, situado na bacia hidrográfica do Rio Piraí. Este artigo pretende analisar, por meio de fontes escritas e orais, algumas das principais mudanças nos discursos associados às práticas da rizicultura no bairro Vila Nova, na cidade de Joinville (SC).

Destacamos aqui o discurso de Luiz Henrique da Silveira no artigo intitulado “A memória italiana”, publicado no jornal *A Notícia*, de 1992. Nessa publicação considerou que os arrozais fazem parte da cultura de “italianos” que se difundiram na região norte de Santa Catarina. Em Joinville foram “[...] atraídos pelas imensas várzeas que dominam a paisagem, desde o Vila Nova [...]”, contribuindo para o desenvolvimento da cidade (SILVEIRA, 1992, p. 1). Considerando algumas transformações do cultivo na cidade, o político Luiz Henrique da Silveira ressalta que a rizicultura é uma paisagem que se destaca, ao se estender de Joinville até suas fronteiras com outras cidades como Guaramirim, podendo ser encontrados arrozais até o município de Massaranduba. Enaltecendo essas paisagens, afirma: “[...] arroz nosso-de-cada-dia, que nos proporciona duas vezes ao ano, os bravos guerreiros da colônia italiana [sic]” (SILVEIRA, 1992, p. 2).

Entre outras publicações, a de Ternes (2009) dá visibilidade principalmente aos migrantes rizicultores da região do Vale do Itajaí, apontando que foram esses “italianos” que começaram a cultivar o arroz em lugares considerados mais isolados da cidade, como é o caso do bairro Vila Nova. Segundo o autor, na primeira metade do século XX no bairro já se encontravam propriedades e atividades agrícolas realizadas por descendentes germânicos e suíços, mas foi principalmente na segunda metade do século que “migrantes de antigas colônias italianas” da região do Vale do Itajaí se mudaram para o bairro, “inovando” as práticas do cultivo irrigado em Joinville. Para Ternes (2009), a migração de famílias

descendentes de italianos acontece desde 1930 na cidade, e nesse período alguns deles investiram na aquisição de terras consideradas “boas e baratas”, motivo pelo qual adquiriram propriedades no bairro. Afirma que “[...] italianos compraram extensas áreas da região oeste e implantaram a rizicultura [...]”, destacando “[...] as famílias Dalfovo, Beninca e Moser, que vieram de Rodeio, Poffo, Macoppi, Bertelli, Catafesta [...]” da cidade de Ascurra, bem como a família Menestrina, de Rio dos Cedros (TERNES, 2009, p. 67).

Na maioria dos discursos sobre o bairro Vila Nova, apresenta-se a rizicultura como prática de “italianos”, mas é preciso ressaltar que esses processos migratórios são posteriores na cidade. Do mesmo modo, não se pode afirmar que o cultivo no bairro tenha sido praticado exclusivamente por descendentes de imigrantes europeus<sup>5</sup>. Entretanto destacaram-se principalmente os discursos que se referem a famílias de rizicultores como migrantes descendentes de “italianos” entre as décadas de 1930 e 1950, num bairro considerado de maioria “germânica”<sup>6</sup>.

Evidenciando essas tensões entre diferentes grupos migrantes, os autores Ilanil Coelho (2010) e Vicenzi (2012) estudaram a Festa do Arroz no Vila Nova entre as festas rurais que acontecem no bairro. Os historiadores abordam o assunto em diálogo com as discussões sobre o crescimento de outras festividades da cidade consideradas étnicas, promovidas principalmente a partir da década de 1980, como formas de representação de grupos migrantes diante de uma cidade em transformação. Para os autores, essas são maneiras de as pessoas reafirmarem suas identidades culturais na cidade contemporânea (COELHO, 2010; VICENZI, 2012).

Coelho (2010) relaciona os discursos de Luiz H. Silveira (1992) com sua proximidade à Associação Veneta de Joinville, também criada no contexto das décadas finais do século XX em Joinville. Dessa maneira, não se trata de uma construção de narrativa “ingênua” sobre o bairro e a cidade, como adverte a autora. Esse é um dos discursos que pretendiam “[...] não apenas reviver a tradição itálica no ambiente urbano, mas também escrever essa história ainda a ser conhecida pelos joinvilenses” (COELHO, 2010, p. 47-48).

Nessa perspectiva, também é possível problematizar as narrativas sobre práticas da rizicultura relacionando-a aos discursos e às festividades de migrantes “italianos”, como as publicações de Ternes (2009) e Silveira (1992), já que são discursos também políticos, interessados em promover turisticamente uma “memória italiana” no bairro e na cidade.

Ao estudar as paisagens, tanto as urbanas como as rurais, é preciso atentar para o fato de que as pesquisas não podem ser reduzidas a descrições de um “único lugar”, ou “única paisagem”. Segundo Pesavento (2004), é por meio das narrativas sobre o lugar que os pesquisadores podem reconhecer maneiras diversas de recordar a história das paisagens da cidade. Assim, no cruzamento de fontes escritas, orais, visuais, sonoras, entre outras, podem-se compreender as paisagens como “palimpsestos da memória”, como metáfora sobre os pergaminhos cujas superfícies são (re)utilizadas para a escrita de diferentes histórias.

Cosgrove (2004) diz que é possível atribuir diferentes subjetividades e significados culturais à produção ou ao consumo de alimentos em diversas sociedades humanas como “paisagens culturais”. E cada vez mais tem se considerado a relevância de análises sobre subjetividades nas fontes escritas e visuais que encontramos na pesquisa, compreendendo-as como experiências de vida, das relações e dos interesses individuais ou coletivos de “ser e estar nas paisagens” (BESSE, 2013; COSGROVE, 2004). Já a historiadora Dora Corrêa (2012), ao problematizar a noção de paisagem como “nacional”, afirma que muitos estudos que trataram sobre o tema se limitaram à paisagem como parte de um “[...] cenário

<sup>5</sup> Sabe-se que o arroz não é considerado um alimento tradicionalmente cultivado somente por europeus, mas de origem africana e asiática (CARNEY, 2017).

<sup>6</sup> Nesse contexto repercutia fortemente uma política de “nacionalização” em Santa Catarina, em que se recriminavam as línguas e as culturas de “estrangeiros imigrantes” em Joinville, em favor da língua portuguesa (COELHO, 2005; 2010).

visualizado – numa mata, numa cidade”, contudo, “[...] hoje, esse retorno às paisagens e ao espaço físico é diferente, uma vez que eles são os objetos centrais das investigações e não mais complementares” (CORRÊA, 2012, p. 52). Com esse intuito, também as paisagens da rizicultura podem ser interrogadas além da limitada noção de “cenário” entre os discursos de “italianidade” produzidos sobre a história da cidade.

## ARROZ AIS NUM PALIMPSESTO: A RIZICULTURA NO BAIRRO VILA NOVA

Em convergência com a paisagem, a abordagem sobre as narrativas de práticas da rizicultura aqui apresentada pretende dialogar com as mudanças nos discursos sobre os arrozais no bairro Vila Nova. Além disso, o desafio é analisar os arrozais de Joinville na condição de uma paisagem cultural que constitui um “palimpsesto”<sup>7</sup> na cidade. A escolha pelo termo “palimpsesto” é uma metáfora às relações de “sobreposições das memórias na cidade”. Esse termo refere-se aos pergaminhos da Grécia a partir do século V a.C. que com o tempo foram utilizados para a escrita de outros textos sobrepostos. Assim, passou a ser significado como uma forma de “reaproveitamento”, com a escrita do mesmo ou de outros textos.

Nesse sentido, a rizicultura pode ser problematizada por meio de narrativas, saberes e práticas de cultivo, como um “pergaminho” que não recebe somente um texto escrito, mas um conjunto de práticas e escritas distintas, como “palimpsestos”. A rizicultura é parte do cotidiano dos agricultores nas propriedades, mas estas são cultivadas de formas diversas. Tal como os discursos escritos sobre o arroz, também as práticas agrícolas diferem anualmente ao ser cultivado o cereal nas propriedades do bairro. Do mesmo modo, é mutável o próprio crescimento da planta ao ser cultivada anualmente. Assim, podem ser consideradas como paisagens culturais, que são dinâmicas e socialmente constituídas pelos grupos humanos e por sua relação com o ambiente.

Conforme se destacou anteriormente, em fontes escritas sobre a produção da rizicultura se encontram diferentes afirmações acerca da cultura do arroz no bairro Vila Nova, em Joinville<sup>8</sup>. Entre essas fontes, reconhecem-se discursos impressos e visuais que enaltecem principalmente o papel dos migrantes no processo de transformação da paisagem natural e cultural dos bairros, destacando o Vila Nova. Embora o arroz seja mais conhecido como parte das atividades de “italianos” e seus descendentes que migraram para o bairro na segunda metade do século XX, constatamos que há outras referências sobre o cultivo do arroz na região norte e nordeste catarinense desde o século XIX (DUARTE; CARELLI; MEIRA, 2019). Essa é uma das práticas agrícolas indicadas para o cultivo durante o contexto da Colônia Dona Francisca<sup>9</sup>; como exemplo, temos a publicação de 1853 do imigrante prussiano Rodowicz-Oswiecimsky (1992, p. 65) que, ao descrever as paisagens próximas ao “Rio Piray-Piranga”, sugere que “[...] poderá ser aproveitada alguma parte destas terras, principalmente para o arroz e em alguns trechos, depois que o capim tome de pé, para pastos [...]”. No entanto é preciso notar que essa narrativa faz referência a outras temporalidades e interesses distintos como “paisagem cultural”. Mas pode-se discordar daquilo que chamam de “originalidade italiana” nas práticas da rizicultura na região, sendo o cultivo do arroz

<sup>7</sup> Vide Pesavento (2004).

<sup>8</sup> Sabe-se que a rizicultura é uma prática de cultivo realizada em diferentes paisagens do território nacional, contudo é importante ressaltar que até o momento não existem paisagens que foram reconhecidas pela produção agrícola no país pelo IPHAN ou por outras instituições culturais.

<sup>9</sup> O arroz foi cultivado anteriormente à criação da paisagem da Colônia Dona Francisca (Joinville, SC), constituindo uma das principais atividades agrícolas da cidade vizinha, a Freguesia de São Francisco do Sul. Vide Duarte (2017).

descrito pelo menos desde o contexto da formação da Colônia Dona Francisca, atual cidade de Joinville<sup>10</sup>.

**Figura 2** – Arrozais entre a Rodovia do Arroz e a Estrada Blumenau, no bairro Vila Nova, Joinville (SC)



Foto: Duarte (maio de 2019)

Por meio da fotografia (figura 2) é possível evidenciar os arrozais e ao norte as montanhas, bem como caminhos que levam a outras localidades da Estrada Blumenau na região próxima à Cascata do Piraí, no bairro Vila Nova. Na imagem (figura 2) há duas residências que fazem fronteira com os arrozais, espaços que anteriormente também podem ter sido áreas de cultivo do arroz. Essa situação é recorrente, pois notam-se casas, edifícios e fábricas próximos aos arrozais em diferentes lugares do bairro Vila Nova, refletindo algumas mudanças entre a continuidade (ou não) da rizicultura e o crescimento demográfico e imobiliário na cidade (Duarte, 2017).

Diferentemente do caso de estudo sobre a rizicultura em Joinville (SC), há paisagens de cultivo do arroz que foram oficialmente reconhecidas como patrimônio cultural, como os terraços de arroz nas Filipinas<sup>11</sup> e de Long Hani na China, as quais integram atualmente a lista do “Patrimônio Cultural Mundial” da Unesco<sup>12</sup> (ARAÚJO, 2009; DUARTE, 2017; RIBEIRO, 2007). São semelhantes as formas de valoração de outras paisagens intituladas como “Paisagens Culturais Rurais” pela Unesco, enquanto lugares que envolvem a produção de alimentos e com estruturas agroindustriais, como as vinícolas de Saint-Émilion na França e as paisagens cafeeiras da Colômbia.

<sup>10</sup> A Colônia Dona Francisca foi criada no ano de 1851 como parte de “dote real”, negociado para a introdução de imigrantes europeus pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Vide Ficker (2008).

<sup>11</sup> A iniciativa parte das proposições ensejadas no encontro realizado em 1995, o Regional Thematic Study Meeting on Asian Rice Culture and its Terraced Landscape, na cidade de Manila, nas Filipinas (RIBEIRO, 2007). Posteriormente ao evento, os terraços foram inclusos na “Lista Mundial”, considerados “paisagem evoluída organicamente”, categoria entendida como parte das “paisagens culturais em continuidade”.

<sup>12</sup> Vide em Quadro de Classificação da Unesco, disponível em: <http://whc.unesco.org/en/culturallandscape/#2>.

No Brasil<sup>13</sup>, a paisagem cultural ainda constitui discussão recente e que tem sido interrogada como categoria “polissêmica”, especialmente nos campos da História, da Geografia e do Patrimônio Cultural, considerando sua multiplicidade de sentidos e as variadas dimensões materiais e intangíveis nas paisagens, que são constituídas pelas sociedades e suas relações com a natureza (CORRÊA, 2012; RIBEIRO, 2007). Contudo esta pesquisa não tem como propósito principal a busca pela “patrimonialização” nem mesmo uma “chancela” dos “arrozais” em Joinville (SC). Ressaltamos que a proposta é problematizar narrativas sobre esse cultivo, compreendendo maneiras diferenciadas de representação dos sujeitos nas relações com essas “paisagens culturais”.

O trabalho parte da condição das autoras, que também são migrantes (do sul e meio oeste do estado de Santa Catarina) que posteriormente buscaram residir em Joinville. Conhecíamos algumas dessas “paisagens do arroz” apenas passando de veículo ou caminhando ao longo da Rodovia do Arroz (SC-413), também chamada de Estrada do Sul. Durante a pesquisa, e posteriormente com a realização das entrevistas, foi possível reconhecer outras paisagens. A maior parte dos entrevistados, quando se referia às paisagens de cultivo do arroz na cidade, relacionou a rizicultura com as migrações do bairro Vila Nova. Por meio das entrevistas realizadas, identificamos que essas são histórias contadas com base nas memórias individuais e coletivas, ressaltando suas experiências migratórias, em que se nidificam como descendentes de italianos na cidade de Joinville (SC). Assim, pode-se inferir, em contraponto com outras fontes escritas, que se trata apenas de algumas das experiências relacionadas as suas mudanças individuais e às mudanças nas práticas de cultivo do arroz irrigado no século XX. Tais paisagens de arroz diferem de registros anteriores sobre esse alimento no século XIX, sendo cultivado por outros grupos nas paisagens que atualmente se configuram como parte da “cidade” de Joinville.

Por meio da metodologia da história oral<sup>14</sup>, verificamos que entre os entrevistados há divergentes apontamentos sobre a rizicultura na cidade, considerando suas relações como paisagem cultural. Entre as entrevistas realizadas, o Rizicultor C<sup>15</sup> contou sobre seus familiares que migraram de Rio dos Cedros para a cidade de Joinville. Identificando-se como migrante descendente de italianos, assim diferencia sua prática de rizicultura no bairro, afirmando que, apesar de já ser anteriormente cultivada no bairro, cresceu principalmente com a migração de muitas famílias e amigos que conhecia em Rio dos Cedros. Diferenciando-se de outras famílias de rizicultores, considerou que “[...] antes vieram os alemães, [...] começaram a plantar o milho, feijão e batata, fruta e verdura” (RIZICULTOR C, 2016), mas procura ressaltar principalmente os trabalhos a partir da migração de seus familiares, com a compra de “terras baratas” em “partes baixas” do bairro. Destacando o trabalho de seus pais e conhecidos, aponta que estes reconheceram as paisagens consideradas alagadiças e suscetíveis às enchentes no bairro, com potencial para o cultivo do arroz irrigado. Ressalta, com isso, diferenças entre as práticas dos grupos que ali já habitavam e os migrantes posteriores no bairro, sendo as migrações posteriores relacionadas a desastres naturais, como enchentes. Assim, vieram de “[...] Rio dos Cedros, Timbó, Acurra, Rodeio, [...], descobriram esses brejos!” (RIZICULTOR C, 2016).

O Rizicultor B recorda que a princípio não veio morar no bairro, mas vinha de Acurra para o bairro Vila Nova somente para plantar arroz com o seu pai e outros ajudantes. Para o cultivo, “nós tínhamos a atafona, e trazia o fubá, trazia a carne [...]. Trazíamos muitas

<sup>13</sup> A paisagem no Brasil tem sido definida por meio da orientação da Portaria n.º 127 de 2009, segundo a qual: “1.º – Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (BRASIL, 2009).

<sup>14</sup> Ver Portelli (1997).

<sup>15</sup> No artigo, optou-se por denominar os entrevistados com nome fictício, sendo Rizicultor A, B, C e D. Destacaram-se quatro rizicultores entre as 12 entrevistas realizadas na pesquisa.



*coisas de Ascurra [...] Vaca de leite, [...] os bois de lá, para trabalhar. Tínhamos que fazer o plantio, depois nós voltávamos para lá [...]*” (RIZICULTOR B, 2016). Afirma que foi morar na propriedade alguns anos depois, quando já tinham trabalhado por mais estrutura para receber a família. Já o Rizicultor D acrescenta que algumas das propriedades compradas por sua família já possuíam casas em estilo “*enxaimel*”, considerando característica dos moradores anteriores “*alemães*” do bairro. Diz que “[...] *os alemães que não tinham arrozadeiras [...] viram a ‘italianada’ fazer arrozadeira, também se encaixaram e fizeram [...], mas pouco!*” (RIZICULTOR D, 2016). Ao mesmo tempo, como sua forma de reconhecer a paisagem cultural, afirma que o cultivo do arroz não era feito somente por “*italianos*”, enfatizando que foram esses migrantes posteriores que mais cultivaram o arroz no bairro. São descrições sobre a agricultura que diferenciam as maneiras do grupo de se relacionar e utilizar a terra, com distintas memórias sobre tais paisagens (SCHAMA, 1996; WORSTER, 2003).

Entre as outras formas distintas de recordar e interagir com o meio ambiente como uma “paisagem cultural”, a maioria dos rizicultores entrevistados na pesquisa apresentava-se como descendente de italianos da região do Vale do Itajaí. Além disso, é possível identificar tensões com outros entrevistados, que ressaltaram o papel de seus avós como descendentes de germânicos na cidade. São histórias pensadas a partir do nosso tempo, que envolvem diretamente a condição de histórias de migrantes em outros lugares (SEYFERTH, 2011; THOMSON, 2002). Em comum, todos os rizicultores entrevistados eram ou foram membros da Sociedade Distribuidora de Água de Joinville (Sodaj), que é a principal organização de controle da água para o cultivo de arroz irrigado no Rio Piraí, abrangendo os bairros Vila Nova e Morro do Meio. Tais narrativas refletem as mudanças não somente nas materialidades dos utensílios e dos maquinários para o cultivo, mas também nas relações das famílias com a Sodaj, assim como as mudanças nos saberes e técnicas diante do crescimento de projetos de modernização da agricultura no estado. Trata-se de um processo que é fomentado desde a chamada “*revolução verde*”, propagada na segunda metade do século XX<sup>16</sup>.

Segundo o Rizicultor A (2016), até meados de 1960 o cultivo envolvia toda a família e “*em troca de família*”; assim, “[...] *quando teu arroz estava pronto, pedia para as outras famílias ajudar. Depois, quando tinha o das outras famílias, você ia ajudar essas famílias [...]*”. Ressaltando as mudanças nas técnicas, lembra que “[...] *arroz era tudo manual, tudo cortado com a mão. [...] Com um ‘zique’ redondo, que você pegava o arroz e cortava, que nem cortava capim. Assim, fazia tudo em fechos, amarrava e levava pro rancho [...]*” (Rizicultor A, 2016). Conforme o agricultor, “[...] *passou um tempo e veio a máquina de cortar o arroz [...]*”, pois recorda que na década de 1970 começaram “[...] *a vir as máquinas e cada um começou a trabalhar tudo em individual*” (Rizicultor A, 2016).

No processo de crescimento das políticas de crédito aos agricultores nas décadas de 1960 a 1980, foram sendo criadas inúmeras várzeas no estado como canais de irrigação controlada na rizicultura. A fim de aumentar a produção, o cultivo de forma irrigada do arroz foi estendido principalmente a partir do projeto Provárzeas como um “Programa de Aproveitamento de Várzeas Irrigáveis” (PRESA, 2011). Nesse contexto, como um dos reflexos desse programa na cidade de Joinville, houve a construção de sete “*valas principais*” no entorno do Rio Piraí que são administradas pelos agricultores, responsáveis pela manutenção das várzeas, por meio da organização da Sodaj (DUARTE, 2017).

O Rizicultor B (2016) afirma que, entre amigos, conhecidos e familiares ligados à Sodaj, “[...] *fazíamos as valas, os desvios, os esgotos, tudo no machado. [...] Cortar as árvores, as raízes, com pá e a cortadeira para abrir as valas para enxugar o terreno*”. Por meio dessas

<sup>16</sup> A partir desse momento, foram modificadas técnicas de cultivo, que também repercutiram em outros discursos sobre a rizicultura no bairro, na cidade ou no estado. Os agricultores e o cultivo do arroz em Santa Catarina receberam maior notoriedade com a criação do DNPEA, órgão do Ministério da Agricultura (1969 a 1975), e, depois, por meio da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa) e da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), a qual atualmente realiza pesquisas sobre rizicultura no estado. Ver: Presa (2011).

descrições escritas e orais, pode-se inferir que as valas, mais do que marcas de profundidades na terra, são paisagens culturais construídas pelos rizicultores manualmente, muitas vezes com a pá, sendo de longa extensão e criadas intencionalmente a fim de direcionar as águas da bacia hidrográfica do Rio Pirai para a irrigação do arroz, entre as propriedades dos que produzem arroz na região. Essas várzeas podem ser reconhecidas como parte das marcas do trabalho e da intervenção no ecossistema para o cultivo do arroz irrigado<sup>17</sup> (DUARTE, 2017). A maior parte dos entrevistados apontou que é por meio da Sodaj que os rizicultores trabalham individualmente em seus terrenos com a rizicultura, mas sobretudo coletivamente, ao se reunirem, ao longo dos anos, para a limpeza dessas valas e a divisão dos custos de manutenção delas. Trata-se de um processo organizativo, de representatividade e negociação dos interesses dos agricultores diante de órgãos públicos, como a Prefeitura, a Epagri, as empresas privadas do agronegócio, entre outros (DUARTE, 2017; ROCHA, 2011). Nesse contexto, reconhecem-se diferentes tensões entre os discursos que enaltecem o papel de grupos migrantes na expansão do cultivo do arroz em Joinville.

Em outra perspectiva, também na segunda metade do século XX é possível verificar fontes escritas que mostram a desistência de rizicultores e de seus filhos do cultivo no bairro Vila Nova<sup>18</sup>. Afinal, nem todos que foram rizicultores em outras regiões (dentro e fora) do estado desejaram continuar o cultivo do arroz em Joinville, já que poderiam buscar, como migrantes no município, a oportunidade de outros empregos, principalmente na indústria e no comércio local, assim como muitos rizicultores também foram desistindo de suas atividades em diferentes bairros da cidade no chamado processo de “modernização da rizicultura” em Santa Catarina (DUARTE, 2017).

**Figura 3** – Exposição da Festa do Arroz no bairro Vila Nova (2016)



Fonte: Duarte (2017)

<sup>17</sup> No bairro, são as “várzeas” que percorrem todas as propriedades com o plantio do arroz, aproximando os moradores e a gestão da prática do cultivo irrigado, e a necessidade de sua contínua manutenção estreita as relações entre os agricultores, motivados pela continuidade da rizicultura no Vila Nova e no bairro vizinho, Morro do Meio (DUARTE, 2017).

<sup>18</sup> É preciso considerar que houve um significativo aumento dos custos no cultivo do arroz no estado, o que não motivava a sua continuidade, além de outras questões econômicas e/ou ambientais.

Diferentes cidades realizam festividades com base na cultura do arroz no estado, destacando-se a mais conhecida: a Festa Catarinense do Arroz (Fecarroz), do município de Massaranduba (SC). Tais festas são organizadas pelos próprios rizicultores<sup>19</sup>, mas também por meio do patrocínio de empresas de arroz que utilizam esses eventos como forma de promoção de seus negócios e do turismo rural em Santa Catarina. Quando conhecemos mais sobre a Festa do Arroz em Joinville (DUARTE, 2017), percebemos que há *banners* e palestras técnicas na festa, com a divulgação de empresas de sementes do arroz, insumos e venda do arroz, ao mesmo tempo em que existem espaços dedicados à exposição de antigos maquinários e objetos que anteriormente foram utilizados para o cultivo desse alimento (figura 3). Nessas festividades, assim como nas residências dos agricultores, encontram-se diversos documentos que relacionam suas histórias de vida às mudanças nas práticas da rizicultura no bairro Vila Nova e na cidade.

No imaginário de um passado que não volta mais, são registros de paisagens das quais buscam recordar (figura 3), como momentos em que aprenderam a plantar o arroz na infância, de maneira manual e coletiva com os familiares. Como vestígios, são objetos materiais, fotografias, documentos, que constituem lembranças e formas de recordar práticas efêmeras, não mais praticadas pelos rizicultores, em virtude do acelerado processo de mudança da rizicultura na cidade. Entre as descrições memorativas, ressaltam-se algumas diferenças que vivenciaram com a introdução dos maquinários nas técnicas de cultivo, como é possível identificar em algumas lembranças pessoais e objetos materiais expostos na Festa do Arroz, no bairro. Alimentos como o arroz

[...] são componentes da natureza re trabalhados pela cultura humana, são artefatos culturais com base orgânica viva, tanto quanto um cabo de enxada é um artefato cultural com base orgânica morta. Um grão de arroz [...] incorpora muito patrimônio cultural (DRUMOND, 2007, p. 108).

As paisagens da rizicultura na cidade de Joinville podem ser consideradas um palimpsesto. Segundo Pesavento (2004, p. 29), a “[...] cidade é, sobretudo, palimpsesto, pois ela exhibe superposição, camadas, desfolhamento”. Assim, são muitas as contribuições dos registros escritos, materiais ou orais que podem ser evidenciados nesta pesquisa, entretanto ressalta-se que é preciso cautela ao tentar recontar tais histórias (CORRÊA, 2012; PESAVENTO, 2004; THOMSON, 2002). Nesse viés, a proposta de estudar a rizicultura no bairro Vila Nova foi desenvolvida por meio do cruzamento de diferentes fontes, em que podemos reconhecer e questionar algumas semelhanças e regularidades nas narrativas sobre os arrozais como paisagens culturais. Como maneiras de afirmar suas semelhanças e diferenças, foram sendo construídos inúmeros discursos identitários sobre a agricultura como atividade de “imigrantes europeus e seus descendentes”. Constatamos atribuições identitárias sobre migrantes seja com a alimentação, seja com o desenvolvimento da agricultura no sul do Brasil. Seyferth (2011, p. 53-54) afirma que,

no campo subjetivo, a roça do colono alemão tem sua especificidade associada a um *ethos* do trabalho próprio da etnia e não à forma de cultivo; e a individualidade dos hábitos alimentares permite vincular o consumo da polenta aos italianos, e o pão, aos alemães, mas na colônia ambos são feitos de milho e estão na cozinha dos dois grupos [...]. No entanto os costumes condicionam as formas de adaptação, pois todos têm bananas e laranjas, mas o Mus é alemão!

<sup>19</sup> No caso de Joinville, a festa é realizada principalmente por meio do Grupo de Desenvolvimento da Mulher Rural da Comunidade Cristo Rei (GDMR). Ver em: Coelho (2010); Duarte (2017); Vicenzi (2012).

Nesse viés, foi possível problematizar como alguns discursos atribuem “nacionalidades” e carregam enaltecimentos, bem como divergências sobre as práticas e grupos que reafirmam seu trabalho com o cultivo do arroz e a formação de arrozais na cidade de Joinville. Como afirmamos anteriormente, nossa intenção neste trabalho não é “patrimonializar” ou enaltecer uma “originalidade” sobre os saberes e as práticas do trabalho de cultivo do arroz.

Ressaltamos que nas entrevistas e nas fontes consultadas sobre a rizicultura há outros aspectos considerados “paisagens culturais”, como sua visualidade, materialidade ou imaterialidade, entre outras dimensões. Do mesmo modo, por meio do cruzamento e da análise dessas fontes, foi possível desconfiar dos discursos sobre “certezas” acerca das práticas do cultivo e das paisagens da rizicultura em Joinville, pois nem sempre se levaram em conta as modificações dessa prática agrícola ao longo do tempo na cidade. Por intermédio do diálogo entre a história ambiental e a paisagem cultural e pelo contraponto com diferentes fontes de pesquisa, podem ser desveladas paisagens culturais pretéritas da cidade, pois “[...] as paisagens são históricas e determinadas por uma série de particularidades culturais locais” (CORRÊA, 2012, p. 60).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rizicultura foi difundida na cidade e também escrita por meio de diferentes grupos sociais em Joinville (SC). Dessa forma, por meio das narrativas sobre o cultivo do arroz, podem-se reconhecer mudanças nas práticas da rizicultura e nas diferentes relações entre “natural e cultural” que estão imbricadas nessas “paisagens culturais”. Sobre os arrozais se tangenciam diferentes representações com relação a essas paisagens na cidade ao longo do tempo.

Entre as principais mudanças sobre a rizicultura, destaca-se que nas últimas décadas do século XX houve significativas transformações nas práticas do cultivo com a desistência de atuação de algumas famílias de agricultores, mas também com a continuidade de rizicultores no bairro em meio ao programa de modernização da rizicultura em Santa Catarina. Nesse período também houve um aumento de encontros e organização entre rizicultores em Joinville, por meio das festas ou da associação da Sodaj, bem como a criação de cooperativas no bairro Vila Nova. Além disso, reconhece-se que essas mudanças implicam outras formas de produção de discursos e imagens sobre os arrozais na contemporaneidade, os quais refletem algumas intencionalidades de continuidade da rizicultura no bairro, ou mesmo de afirmação da sua valorização como patrimônio rural, diante de um conjunto diferenciado de ameaças quanto à continuidade desses saberes e práticas de cultivo, seja com o crescimento urbano, seja com a desistência do cultivo do arroz ou a venda de terrenos que eram anteriormente dedicados a ele no bairro.

Problematizaram-se aqui somente alguns apontamentos sobre vestígios materiais e fontes documentais que se referem à relação de migrantes com o arroz, evidenciando algumas das principais mudanças nas maneiras de cultivo e na construção de outros discursos que foram divulgados a partir do fim do século XX como “paisagens da rizicultura” em Joinville. Portanto, a difusão e a discussão sobre os processos de cultivo do arroz não implicam a tentativa de uma “consagração” de determinado grupo, mas sim de identificar que existem atribuições divergentes como paisagens, bem como sobre as práticas de cultivo no bairro Vila Nova. Como um palimpsesto, o cultivo do arroz tem sido realizado por meio de diversos indivíduos e suas maneiras de plantio, que se imbricam em significados distintos como paisagens culturais da rizicultura, mediante sua continuidade (ou não) no bairro Vila Nova e em outros bairros da cidade.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Guilherme M. Paisagem: um conceito inovador. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Paisagem cultural e sustentabilidade**. Belo Horizonte: IEDS, UFMG, 2009.
- BESSE, Jean-Marc. Estar na paisagem, habitar, caminhar. In: CARDOSO, Isabel Lopes (org.). **Paisagem e patrimônio: aproximações pluridisciplinares**. Portugal: Dafne Editora; Chaia, 2013.
- BRASIL. Portaria n.º 127 de 2009. **Diário Oficial da União**: seção I, n. 83, p. 17, 5 maio 2009.
- CARNEIRO, Henrique. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. **Revista de História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 42, 2005.
- CARNEY, Judith. O arroz africano na história do Novo Mundo. **Revista Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, Anápolis, v. 6, n. 2, p. 182-197, 2017.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2007.
- COELHO, Ilanil. É proibido ser alemão: é tempo de abrasileirar-se. In: GUEDES, Sandra P. L. de C. (org.). **História de (i)migrantes: o cotidiano de uma cidade**. Joinville: Editora Univille, 2005.
- COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante (Joinville, 1980-2010)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- CORRÊA, Dora S. História ambiental e a paisagem. História ambiental latino america y caribenha. **Revista HALAC**, Belo Horizonte, v. 2, p. 47-69, 2012.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Uerj, 2004.
- DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: a introdução e domesticação de plantas no Brasil. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991.
- DRUMOND, José Augusto. Patrimônios natural e cultural: endereços distintos nos espaços urbanos, rurais e selvagens. In: PAES-LUCHIARI, Maria Tereza D.; BRUHNS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia (org.). **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas: Papirus, 2007.
- DUARTE, Alanna F. **Entre os roçados da colônia e os arrozais da cidade: o cultivo do arroz e as transformações na paisagem de Joinville, Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017.
- DUARTE, Alanna F.; CARELLI, Mariluci N.; MEIRA, Roberta. Paisagens de arrozais: discursos de (i)migrantes sobre o cultivo do arroz em Joinville (SC). **Revista Diálogos**, v. 23, n. 3, p. 259-282, 2019.
- FICKER, Carlos. **História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca**. Joinville: Letradágua, 2008.

GUEDES, Sandra P. L. de C. A escravidão em uma colônia de alemães. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – HISTÓRIA E MULTIDISCIPLINARIDADE: TERRITÓRIOS E DESLOCAMENTOS. **Anais** [...]. São Leopoldo: ANPUH, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 25-30, 2004.

PORTELLI, Alessandro. O que faz da história oral diferente. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, 1997.

PRESA, Juliana Broca. “**O arroz no espigão e o milho no banhado**”: programa Provárzeas – o desenvolvimento de uma política pública e o cultivo de arroz em municípios da bacia do Rio Araranguá. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/Copedoc, 2007.

ROCHA, Fernando Goulart. **Cultivo de arroz irrigado na região sul de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2011.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, Theodor. **A Colônia Dona Francisca no sul do Brasil**. Tradução em português do original em alemão, de 1853. Joinville: FCJ, 1992.

SAINT-HILAIRE, August. **Viagem a Curitiba e Santa Catarina (1779-1853)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 77, p. 47-62, 2011.

SILVEIRA, Luiz H. A memória italiana. **A Notícia**, Joinville, p. 2, 6 set. 1992.

TERNES, Apolinário. **Tempos modernos**: a presença dos italianos em Joinville (1973-2008). Joinville: Editora Univille, 2009.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

VICENZI, Tales. **Festas rurais do bairro Vila Nova e seus processos de identificação**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2012.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente e Sociedade**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-44, 2003.

### Entrevistas

RIZICULTOR A: entrevista oral [19 out. 2016, Joinville]. Entrevista concedida a Alanna Fernandes Duarte no bairro Vila Nova, Joinville (SC).

RIZICULTOR B: entrevista oral [6 dez. 2016, Joinville]. Entrevista concedida a Alanna Fernandes Duarte no bairro Vila Nova, Joinville (SC).

RIZICULTOR C: entrevista oral [22 nov. 2016, Joinville]. Entrevista concedida a Alanna Fernandes Duarte no bairro Vila Nova, Joinville (SC).

RIZICULTOR D: entrevista oral [1.º dez. 2016, Joinville]. Entrevista concedida a Alanna Fernandes Duarte no bairro Vila Nova, Joinville (SC).